



Femicídios negros na literatura e na sociedade brasileiras: a necropolítica reverberada em mortes motivadas por raça e cultura

Black feminicides in brazilian literature and society: the necropolitics reverberated in deaths motivated by gender, race and culture

Ivana Amorim da Silva¹

Resumo: este artigo tem o objetivo de discutir a relação entre as mortes - ficcionais e reais - de mulheres negras (que corporificam a realidade interseccional de gênero e de raça) e o objetivo colonialista - ainda vigente - de silenciar tanto a cultura de matriz africana quanto a luta do feminismo negro por direitos sociais. Essa análise será feita, principalmente, a partir da leitura do conto *Maria* e de poemas dos livros *Olhos D'água* (2014) e *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), da autora Conceição Evaristo, relacionando-os com casos reais de assassinatos que tiveram como alvo as mulheres negras no Brasil. Interessa expor a necropolítica (MBEMBE, 2018) - racista e machista - que rege o interrompimento de vidas como as da personagem literária Maria, por exemplo, do conto de Evaristo (2014), e, fora da ficção, de mulheres como Marielle Franco e Cláudia Silva Ferreira. Desse modo, uma abordagem antropológica do texto literário será necessária para demonstrar o ódio que torna essas mulheres vítimas de práticas neocoloniais violentas, por meio das quais os criminosos buscam aniquilar o poder feminino e negro de retomada e de reivindicação da história, dos direitos e da cultura dos sujeitos afro diaspóricos.

Palavras-chave: literatura brasileira; feminicídios negros; Conceição Evaristo; necropolítica; direitos humanos.

Abstract: this article aims at discussing the relation between the deaths - fictional and real - of black women (that reflect the intersection of gender and race on themselves) and the colonialist objective - still current - of hushing not only the african matrix culture, but also the black feminist fight for social rights. This analysis will be done mainly by the reading of the tale *Maria* and some poems from Conceição Evaristo's books *Olhos D'água* (2014) and *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), relating them with real murder cases that had black women as a target in Brazil. It has the interest of exposing the necropolitics (MBEMBE, 2018) - racist and chauvinist - that rules the lives interruption of literary characters such as Maria, from the tale by Evaristo (2014), and, out of fiction, of women such as Marielle Franco and Cláudia Silva Ferreira. Thereby, an anthropological approach to the literary text is necessary to demonstrate the hate that make these women victims of neocolonial actions of violence, through the ones the criminals seek to annihilate the black and feminine power of recapturing and reclaiming the history, the rights and the culture of afro diasporic people.

Keywords: brazilian literature; black feminicides; Conceição Evaristo; necropolitics; human rights.

é só a escória sumindo,
dizem tranquilos os pais de família.²

Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.³

Produzir literatura ou outras artes é um ato político. Quando os autores e artistas buscam negar essa circunstância, estão, ainda que neguem, atuando politicamente. Desse

¹ Mestranda em Letras, UFRGS.

² BERNDT, 2019, p. 77 a 79.

³ LORDE, Audre. 1991, *National Women's Studies Association Conference*. Tradução de Marielle Franco. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8382555/>>. Acesso em: 13 mar 2020.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

modo, os textos literários e as produções culturais têm, de uma forma ou de outra, um engajamento com alguma causa e, por isso, transparecem autoria e crítica em sua existência. Nesse viés, a escritora e pesquisadora brasileira Conceição Evaristo, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), cunhou o termo *escrevivência*, na tentativa de situar a literatura que se propõe, já no movimento embrionário da criação, combativa na linguagem e atenta às histórias que a circundam. Assim, *escrevivência* é a condição de uma escrita marcada pelo que o autor vê e vivencia; é a íntima relação entre a vida e o texto, numa espécie de testemunho literário; é o fazer escolhido pelo autor que se sabe contador de histórias e que se torna porta-voz de si e de tantos outros. Segundo Evaristo, seu objetivo de escrita e sua proposta literária têm ligação direta com um comprometimento crítico em relação à sociedade, já que,

se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (...) A nossa *Escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007, p. 21)

Por conseguinte, a interpretação de Evaristo sobre a literatura permite uma comparação ainda maior entre texto e realidade, pois dá suporte a ideia de que a escrita narra a condição humana, tendo, é claro, permissão de ir muito além na construção narrativa. Com isso, temas como violência de gênero e/ou de raça mergulham nos “becos das memórias” (em alusão ao livro da autora) dos escritores, ainda mais em países que sofrem, ainda hoje, pelas marcas coloniais deixadas pelo passado, como o Brasil. O texto literário é, desse modo, um veículo de comunicação importante para que denúncias ganhem corpo e voz na forma de personagens, gerando representatividade e escuta.

Entretanto, o cânone da história da literatura não deixou brechas para que os autores se afirmassem – nos textos e na vida – como negros e/ou mulheres. Poucos autores com essas características – sobretudo se juntas – foram reconhecidos como ilustres dentro dos compêndios literários excludentes, e os que lá estão foram embranquecidos, como Machado de Assis⁴. Ainda assim, com forte expressão, nossa literatura ultrapassa com resiliência essas

⁴ Campanha impulsionada pelos movimentos negros resgata a imagem do autor Machado de Assis dando a ele aparência negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/duas-cores-de-machado-de-assis/>> <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/campanha-resgata-imagem-de-machado-de-assis-como-negro.html>>. Acesso: 10 mar 2020.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

barreiras, insistindo em evidenciar em seus textos as chagas da escravidão e o racismo presente em nossa história desde então.

Esse preconceito, que está calcado na matriz da história brasileira, parece ser intensificado quando está atrelado ao gênero da pessoa racializada, tornando o corpo das mulheres negras um alvo social da branquitude. A realidade racista e machista vivida diariamente por esse grupo materializa-se, conseqüentemente, na escrevivência de Evaristo, que busca chocar sonos injustos com as histórias que narra. Nestas, é visível a ocorrência regular não só de violências verbais e epistêmicas envolvendo essas mulheres, mas também físicas e sexuais. Logo, na mira de olhares masculinos e colonizadores, a morte é uma penumbra viva na trajetória dessas mulheres – seja pelo assassinato dos seus, seja pelo seu próprio –, e o Estado é costumeiramente um conivente ativo desses acontecimentos.

Dessa maneira, no prefácio do livro de contos *Olhos D'água* (2016), Heloisa Toller Gomes comenta a importância do fazer literário de Conceição Evaristo ao transformar em literatura as histórias cruéis e verdadeiras das mulheres tipificadas por gênero e raça no Brasil. Segundo a análise da pesquisadora,

A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? (...). Mas, se prestar um pouco mais atenção, vai ver outra. Vai ver Caliban (o escravo de Shakespeare em *A Tempestade*) atualizado, vivo, pujante. Aquele que aprende a língua do senhor e constrói a liberdade de *maldizer!* (GOMES, p. 14)

Essa força do Caliban, mencionada por Gomes (2016), parece ser necessária pelo fato de a mulher negra sempre precisar resistir para não ser apagada, violentada nem subalternizada. Essa verdade se comprova no livro da historiadora Lynn Hunt, *A invenção dos direitos humanos: uma história* (2007), no qual ela traça a gênese e os avanços desses direitos na história mundial, conquistados pelas mulheres – mais ainda pelas mulheres negras – tardiamente. Com sua pesquisa, Hunt (2007) concluiu que o romance – e a literatura como um todo, é claro – gerou forte influência na construção da empatia social, fator que mobiliza as transformações no comportamento humano e, posteriormente, nas leis. Porém, segundo ela, esse olhar de equidade se direcionava a vários grupos não emancipados, mas não às mulheres. Consoante Hunt (2007), “as mulheres não obtiveram direitos políticos iguais em nenhum lugar antes do século XX.” (p. 67). Assim, a autora percebeu que questões de gênero (no



texto, este é apenas visto como binário: ou homem ou mulher) demoraram mais tempo para serem encaradas com veemência pelo debate histórico sobre direitos humanos do que questões de raça, já que as mulheres eram consideradas dependentes dos homens e do Estado. Segundo ela,

No século XVIII (e de fato até o presente) não se imaginavam todas as "pessoas" como igualmente capazes de autonomia moral. (...) Assim como as crianças, os escravos, os criados, os sem propriedade e as mulheres não tinham a independência de status requerida para serem plenamente autônomos. As crianças, os criados, os sem propriedade e talvez até os escravos poderiam um dia tornar-se autônomos, crescendo, abandonando o serviço, adquirindo uma propriedade ou comprando a sua liberdade. Apenas as mulheres não pareciam ter nenhuma dessas opções: eram definidas como inerentemente dependentes de seus pais ou maridos. (HUNT, 2007, p. 26-27).

Desse modo, o atraso na validação de direitos femininos fez com que a mulher negra, vista como total desprovida de autonomia moral, sofresse duplamente a desumanização ao longo dos séculos. Diante disso, o poema *Vozes Mulheres*, da autora Conceição Evaristo, presente no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), demonstra a trajetória descrita por Hunt (2007), além de consolidar nas palavras a constante de lutas, de transmissão de conhecimentos e de compartilhamento cultural que compõe a história das mulheres negras no Brasil – materializada na lírica evaristiana pela trajetória de sua bisavó, da avó, da mãe, da própria escritora e de sua filha. Nesse sentido, fica evidente, por meio do poema, o panorama entre as diferentes situações históricas experienciadas por essa linhagem de mulheres negras, que representa uma coletividade.

Entre a vida da bisavó escravizada e da filha jovem, há um percurso de embates sociais em busca dos direitos humanos violados constantemente. A vista disso, o fio conector estabelecido por Evaristo na retomada da vida dessas mulheres no poema pode ser utilizado para analisar a importante função das produções literárias (a evaristiana e outras) de expor a forma como o grupo feminino negro foi inserido na história do Brasil em variados contextos sociais. No poema, a escritora conta primeiro a narrativa de sua bisavó, da qual a voz “ecoou criança nos porões do navio” (EVARISTO, 2017, p. 24). A partir da figura dessa mulher, pode-se concluir que não é possível falar sobre a trajetória de luta das mulheres negras no nosso país – e no mundo, consoante Hunt (2007) – sem mencionar o peso da diáspora e da escravidão a que foram forçosamente submetidas, fatores fundantes de um passado brasileiro



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

de violência e de abuso, o qual, sem dúvidas, deixa marcas viscerais no presente (vivido por Conceição Evaristo e, mais ainda, por sua descendente).

Tal trajetória é encerrada no poema pela condição de liberdade que se faz concreta na vida da filha de Evaristo, já que a autora, no texto, finaliza essa linha do tempo – que é tanto familiar quanto coletiva – afirmando: “Na voz de minha filha/se fará ouvir a ressonância/o eco da vida-liberdade.” (EVARISTO, 2017, p. 25). Todavia, ainda que o direito de narrar e a possibilidade de ser lida e ouvida tenham sido conquistados (a passos lentos) pela mulher negra na contemporaneidade (período representado pela autora e, mais ainda, por sua filha, principalmente a partir da criação da série *Cadernos Negros*, na década de 1970, na qual Conceição publicou seus primeiros escritos) –, a liberdade desse contingente feminino parece continuar sendo atacada decorrentemente por homens que simbolizam, hoje, uma atualização histórica dos senhores coloniais de “ontem”.

Segundo dados do Ministério da Saúde⁵, apresentados pelo *Atlas da Violência* em junho de 2019, o Brasil constata 13 mortes de mulheres por dia, e 66% dos casos ocorrem com mulheres negras. Essa média foi a maior em uma década e demonstra o quanto há uma guerra explícita contra o corpo feminino, principalmente o negro. Isso fica declarado nesses dados, uma vez que a pesquisa relata que o homicídio de mulheres negras (que será tratado no artigo como feminicídio negro) cresceu cerca de 60% em 10 anos, enquanto a mesma violência aumentou 1,7% em relação a mulheres brancas. Tais resultados comprovam que as mulheres negras estão, de fato, ameaçadas na sociedade brasileira. Mais até do que os homens negros, elas corporificam a continuidade da cultura afro diaspórica, já que participam ativamente das lutas sociais pelo feminismo negro e por direitos humanos (a exemplo da vereadora carioca Marielle Franco).

Em *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte* (2018), o filósofo camaronês Achille Mbembe atualiza o conceito foucaultiano de “biopoder”, chegando ao que chamou de “necropolítica”. Para Foucault, *biopoder* diz respeito a uma espécie de soberania capaz de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Para formular essa acepção, Foucault analisou a Alemanha nazista principalmente, considerando-a um Estado de

⁵ IDOETA, Paula A. 5 jun. 2019. *Atlas da Violência: Brasil tem 13 homicídios de mulheres por dia, e maioria das vítimas é negra*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48521901>>. Acesso: 10 mar 2020.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

exceção que funcionou paralelamente ao Estado oficial e que constituía uma organização política para a morte (realizando uma limpeza social comandada e autorizada pelo poder político vigente e, inclusive, admitida pela sociedade). Para Mbembe (2018), entretanto, esse atributo político soberano, além de transgredir os limites biológicos da morte natural e de produzir uma violação encarada como tabu pela população (o assassinato), abre também espaço para que os Estados modernos construam “mecanismos técnicos para a morte” (conceito empregado pelo historiador italiano Enzo Traverso), ou seja, criem uma série de ferramentas que amparem a ocorrência de mortes outorgadas pelo governo e pelas leis, tais como as prisões, os manicômios, as milícias e os exércitos, por exemplo.

Mbembe (2018), avançando a proposta de Foucault, percebe que as mídias colaboram nesse processo, criando “espetáculos da morte” a partir de programas sangrentos de televisão, que conquistam a opinião do público e despertam nele ódio a grupos inimigos do Estado. Nesse viés, Mbembe (2018) acredita que os inimigos estatais, ao longo da história, sempre foram selecionados por raça - na escravidão, na Alemanha nazista e hoje, na modernidade (fator não identificado por Foucault). Segundo ele, os sujeitos racializados sofrem constantemente na mira dos Estados de exceção e de sítio (como a Palestina) e perdem, pouco a pouco, não só o direito que têm sobre seus corpos, mas também o estatuto político que tinham de cidadãos. Essa “retirada de humanidade” faz com que possam, cada vez mais, ser alvo do terror gerado em determinados países do mundo, tendo que sobreviver diariamente a essa necropolítica.

Ainda que o filósofo em questão não tenha estudado especificamente o Brasil e o racismo brasileiro, é possível relacionar essa violência citada com a que ocorre aqui. O país pode ter superado a ocupação colonial e a escravidão oficialmente, mas esses alicerces da história nacional construíram fronteiras estruturais e violentas entre negros e brancos. Logo, foram criadas novas formas de apagar e de desumanizar as pessoas negras – antes escravizadas –, já que ainda está, no cerne da formação do país, essa apropriação do campo biológico a fim de dividir os habitantes por uma suposta superioridade de raça (colonialista) e, conseqüentemente, por estrato social. Para Mbembe (2018), “a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) (...) foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente” (p. 17 e 18).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Se o racismo é utilizado estruturalmente para justificar a morte, as mulheres negras sofrem duplamente o terror diário de um atentado à vida. Com o adicional de gênero, essa necropolítica se fortifica, fazendo delas inimigas ainda maiores do Estado e de seus aparelhos executores (neste caso, os homens em geral). Logo, o feminicídio negro é uma realidade cruel no Brasil, e a política adquire aqui uma espécie de “pedagogia da crueldade”, constatada no México, na Guatemala e noutros países pela antropóloga argentina Rita Segato – pesquisa que deu origem aos livros *Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres* (2014) e *Contra-pedagogías de la crueldad* (2018).

Segundo Segato (2014), a violência contra as mulheres ocorre desde os princípios das guerras de ocupação nas Américas, e esse grupo sempre foi considerado pelos inimigos como análogo à terra, ou seja, ao território onde se deve hastear as bandeiras de domínio (como se as mulheres fossem objetos que passam do domínio de um contingente masculino a outro). Nos países onde esteve, a antropóloga declarou que o número de mulheres mortas é tão exacerbado, que fica explícita uma guerra declarada ao corpo das mulheres, uma vez que as normas bélicas passam a constituir o cotidiano e que uma limpeza de gênero de baixo custo passa a ocorrer com naturalidade. Assim, a realidade do Brasil não se destoa dessa guerra, e as notícias e a literatura comprovam isso. A autora afirma, inclusive, que nosso país é o mais violento do mundo (consoante dados de 2014 das Nações Unidas) e constata que estamos vivendo, na atualidade, uma guerra nebulosa, de características novas e de difícil compreensão. Sobre nosso contexto feminicida, Segato (2014) analisa que há culpa do Estado, concluindo que

a violência letal contra as mulheres, em vez de diminuir, aumenta. No Brasil, morre assassinada uma mulher a cada uma hora e meia. Para uma quantidade de problemáticas cada vez mais urgentes, não há correlação entre direito e justiça. As exigências de justiça não conseguem ser traduzidas na linguagem do direito. O direito está muito distanciado das questões importantes, a vida está se feudalizando e as redes corporativas de grandes favores ganham cada vez mais espaço na vida dos cidadãos comuns. Essa constatação deve ser projetada à nível teórico para elaborar uma crítica contemporânea sobre a estrutura da democracia representativa de massas. Como disse, é possível que já não seja suficiente uma crítica construtiva ao seu mau funcionamento, porque as suas bases estruturais são muito vulneráveis e aparecem comprometidas e implicadas. (SEGATO, 2014, p. 107, tradução nossa)

Como não há declaração oficial de guerra nem direito à vida garantido - já que, como observou Segato (2014), a democracia e seus pilares estão em declínio –, a luta das mulheres



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

negras por sobrevivência segue contínua e, conseqüentemente, o panorama de conquista de direitos humanos nunca se estabiliza, como mostrou Hunt (2017). Ao citar a relação de permuta entre os grandes favores que são coadjuvantes nos crimes a mulheres, Segato (2014), bem como Mbembe (2018), percebe o funcionamento da necropolítica, que autoriza o extermínio de mulheres negras, vistas como incômodos para a manutenção do conservadorismo do país. Dessa forma, a vida dessas mulheres sempre foi sinônimo de batalha num campo de avanços e retrocessos sociais relacionados aos direitos humanos. Com isso, no fazer literário de Conceição Evaristo, a necropolítica faz-se viva e aparente como na sociedade. Seus textos demonstram a presença atenta da morte, sondando a vida das mulheres negras, e essa circunstância choca o leitor branco acadêmico, mas é comum para o grupo em questão (ainda mais quando há intersecção também de classe no debate). Mortes como a de Marielle Franco e de Cláudia Silva Ferreira – ambas negras e faveladas – são rotineiras nos textos de Evaristo, porque violências como a sofrida pela personagem Maria, assassinada à sangue frio, são mais comuns do que deveriam no Brasil. Assim, arte e vida clamam por fusão, e o horror da necropolítica é narrado liricamente.

Fora do texto literário, o atentado à socióloga e vereadora Marielle Franco é exemplo da necropolítica brasileira. No crime, ocorrido em 14 de março de 2018, aparelhos paraestatais executaram seu poder de matar, afinal o autor dos disparos que tiraram a vida de Marielle foi um atirador de elite, treinado pela polícia nacional. As investigações também descobriram que esse sujeito, Ronnie Lessa, é vizinho do atual presidente Bolsonaro e que seu computador tem registros de pesquisas online sobre o torturador condenado Carlos Alberto Brilhante Ustra (referenciado por Bolsonaro durante o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016). Todas essas informações são discutidas por jornalistas do programa midiático Fantástico em *Marielle - O Documentário*, que foi ao ar pelo Globoplay (2020) em março, dois anos depois do ocorrido. Ainda que movimentos sociais tenham se unido na luta por justiça ao crime – mobilização marcada pela pergunta “quem mandou matar Marielle?” e pela afirmação “Marielle presente” – e que o crime tenha tido repercussão internacional, essa execução (que evidenciou grande planejamento prévio e emboscada das vítimas) vai júri popular após a contenção dos riscos da pandemia de Covid-19 no Brasil, sendo, até lá, investigada por autoridades estaduais do Rio de Janeiro.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Marielle Franco era um exemplo da força das mulheres negras no país: de forma representativa, ela, enquanto ativista e figura política, era uma porta-voz feminina e negra na luta por direito à vida e à dignidade. Sua presença destoante na câmara carioca despertava a repulsão de seus colegas homens e brancos, e ela mesma precisou parar seus pronunciamentos várias vezes por motivos de deboche alheio (como mostra o documentário). Logicamente, a relação entre esse feminicídio negro e o “perigo” que Marielle representava para o grupo conservador que compõe a política do país é profunda e “emaranhada” pela necropolítica, tanto que a eloquência de sua morte segue sendo motivo de agonia para grupos contrários a uma política mais inclusiva e democrática. Para a jornalista e escritora Eliane Brum, a morte de Marielle tinha um objetivo explícito: silenciar uma legião de minorias (que são, na verdade, maiorias) por questões políticas de cunho autoritário, elitista, racista e misógino. Para ela – que posta, todos os dias, na rede social Twitter, a mesma dúvida sobre a morte da vereadora –, o crescimento de assassinatos como o dela e o de vários líderes indígenas, por exemplo, expressam

como o Brasil arcaico, aquele que ganhou uma imagem eloquente no retrato oficial do primeiro ministério de Michel Temer (PMDB) – branco, masculino e reprodutor das oligarquias políticas – esmagava o Brasil insurgente que tinha avançado nos últimos anos, aquele que deslocava os lugares dos centros e das periferias, confrontava o apartheid racial não oficial, rompia com os binarismos de gênero, enfrentava o patriarcado com cartazes e peitos nus. (BRUM, 2020, s. p.)

Nesse sentido, a necropolítica, conceituada por Mbembe (2018), e a guerra contra os corpos femininos estudada por Segato (2014, 2018), materializam-se no crime que vitimou Marielle Franco e, despropositalmente, Anderson Gomes (pai de família e motorista da parlamentar). Infelizmente, porém, talvez nunca se comprove se há mandantes por trás do assassinato e, se sim, quem são eles, ou seja, talvez nunca se faça justiça de fato, como Segato (2014) afirmou que não ocorre, contra o Estado e/ou suas ferramentas de matar.

Um segundo caso em que esses mecanismos paraestatais parecem ter operado de forma assassina foi no ocorrido com Cláudia Silva Ferreira - tema da peça de teatro *A mulher arrastada*, vencedora dos prêmios Açorianos e Braskem em 2018 e contracenada por Celina Alcântara. O feminicídio negro, além de ter se tornado subsídio para o teatro pela desolação que gerou, demonstra a hostilidade e a malignidade dos aparelhos que executam a necropolítica brasileira. Cláudia foi, em 16 de março de 2014, alvejada pela polícia carioca no



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Morro da Congonha. Ela, que saía para comprar pão para seus oito filhos, foi vitimada por balas que lhe romperam o corpo. Este, ainda com vida, foi jogado no camburão; porém, ao longo do caminho percorrido, a porta do veículo se abriu, e Cláudia, como um destroço, foi arrastada por 350 metros no asfalto até morrer. Em seguida, o Estado, operando com suas forças turvas, silenciou ao máximo o caso, e a imprensa pouco debateu o interrompimento bruto e torturador que a vida dessa mulher teve – assassinada por uma ferramenta estatal.

Em contraste a esse apagamento, a peça de teatro, com direção de Adriane Mottola e texto de Diones Camargo, é um monólogo que dá voz à Cláudia enquanto todo o entorno a calou forçosamente. Com transparência, o roteiro permite que essa mulher – auxiliar de limpeza, negra, pobre, mãe – volte à vida por meio da representação artística, humanizando a personagem num diálogo de manifesto contra a barbárie realizada consigo. Diferentemente da grande repercussão que teve o caso Marielle – que ainda mobiliza o mundo –, Cláudia foi reduzida a notas de jornal, já que o genocídio negro (aqui, mais precisamente, o feminicídio) é concretizado pela estupidez policial rotineiramente no país, uma vez que esse grupo associa diretamente negros ao crime sem distinção.

Enquanto o Estado funciona como um “polvo” que tem “braços” menores trabalhando para si na tarefa de apagar seus inimigos, ainda mais negros e negras, a arte e a literatura buscam dar vazão a essas vozes que são, cada vez mais, forçosamente caladas por balas ou por outras violências. A escrevivência trata essa necessidade de narrar esses ocorridos como um princípio, enquanto o Brasil não faz justiça nem se modifica. Numa tentativa semelhante à da peça mencionada, Evaristo, no livro de contos *Olhos D'água* (2016), materializa a história de uma personagem fictícia também brutalmente assassinada: Maria.

Maria, conto construído por um narrador onisciente, fala sobre o desejo de retorno de uma mãe – mulher negra – ao lar depois de um dia desgastante de trabalho como doméstica na casa de uma família rica. Os pensamentos de Maria são acessados pelo narrador, que deixa explícito o quanto essa mulher planejava reencontrar os filhos para entregar-lhes as frutas e o osso de pernil que tinha ganhado em seu emprego (restos que a patroa não queria). Entretanto, ao subir no ônibus, Maria se depara com seu ex-companheiro, pai de um de seus filhos, do qual não ouve falar há anos. O homem senta-se ao seu lado, comentando a falta que sentia do menino e dela. Todavia, minutos depois, após mandar um beijo para o menino, anuncia, junto



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

com outro comparsa, um assalto aos passageiros. Ainda que temesse pelo que aconteceria, Maria não foi roubada enquanto o resto das pessoas no ônibus sim. Quando os homens fogem com os pertences de todos, ela é considerada cúmplice do caso, mesmo tendo sido pega de surpresa pelo ocorrido. Nesse curto período de tempo, Maria, confusa, passa a ser violentada verbalmente, e muitos gritam “negra safada, vai ver que estava de coleio com os os dois” (EVARISTO, 2014, p. 41), “aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões” (EVARISTO, 2014, p. 42). Em seguida, em meio à barbárie, Maria é linchada pelos passageiros, que incitam uns aos outros: “Lincha! Lincha! Lincha!” (EVARISTO, 2014, p. 42). Esses indivíduos, que não a conhecem nem dão a ela chance de defesa, matam-na, portanto, à sangue frio, deixando-a jogada numa parada de ônibus sem nunca ter conseguido retornar ao encontro de seus filhos. A narrativa se encerra, pois, com a preocupação dela em relação ao recado do pai e aos alimentos não entregues às crianças:

Maria punha sangue pela boca, pelo nariz, pelos ouvidos. A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (...) Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2014, p. 42)

Maria, de certa forma, tem um destino final parecido com o de Marielle Franco e com o de Cláudia Silva Ferreira: assemelha-se com o da primeira pelo fato de ela ser facilmente associada pela população com o mundo do crime devido a sua origem e cor (Marielle, como mostra o documentário (2020), foi alvo de *fake news*); e com o da segunda não só por receber essa classificação redutora de criminosa, mas pela sua condição social, pela falta de repercussão do caso e pela tortura explícita do corpo. Ademais, há um ponto tange às três mulheres negras: saíram de casa com a promessa de voltarem aos seus, mas nunca chegaram. Nesse sentido, Conceição Evaristo, com seu olhar atento à vida das mulheres, cria uma personagem que representa muitas narrativas reais, aniquiladas pela violência da necropolítica brasileira. Maria, diferentemente de Marielle Franco, não tinha um lugar de fala expressivo nessa sociedade racista e misógina, mas era, como a vereadora, uma fonte de resistência, capaz de criar seus filhos para serem a voz de liberdade de si e dos antepassados, como menciona Evaristo (2017) no poema *Vozes Mulheres*. Por isso, como a de Cláudia e a de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

Marielle, sua morte representa o ódio, instigado pela necropolítica – seja por meio da mídia, seja por meio de outras ferramentas –, a um inimigo determinado pelo Estado: o povo negro. Como mulheres negras, tanto a fictícia Maria quanto as reais Marielle e Cláudia tornam viva a possibilidade de reparação histórica e de transformação social para os sujeitos que foram, na construção nacional, primeiro escravizados pelos colonizadores e depois segregados pelo racismo estrutural legitimado pelo Estado.

Não é só através de *Maria* que Evaristo faz de si e de outras mulheres negras na figura de protagonistas da palavra. Sua literatura permeia as memórias coletivas que não se esquecem das violências a que os sujeitos negros foram e são acometidos – principalmente as mulheres. O feminicídio negro e as amarras que historicamente dificultam a sobrevivência desse grupo diante do racismo estrutural aparecem muito, até indiretamente, na sua escrivência. No livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), Evaristo “espreme” liricamente os caminhos negros, sempre abrindo as portas dos mais fundos porões do psíquico e do emocional que afetam esse coletivo.

No poema *Todas as manhãs*, a autora mostra o quanto a história repetidamente interrompida das mulheres negras faz surgir, ao mesmo tempo, choro e resistência. Sobre isso, escreve que, “no varal de um novo tempo, escorrem as nossas lágrimas fertilizando toda a terra, onde negras sementes resistem reamanhecendo esperanças em nós.” (EVARISTO, 2017, p. 13). Com isso, revela que nesse destino feminino, moldado a ferro e fogo, nunca houve renúncia à luta pela vida – de Dandara dos Palmares à Marielle. Esta, por exemplo, evidencia essa potência mesmo após sua morte, pois sua voz segue reverberando esperança, e sua presença continua sendo marcada como mártir nessa guerra contra os corpos femininos negros e contra os direitos humanos. Com isso, fica explícito que mulheres negras geram temor à política conservadora e aos grupos sociais privilegiados, já que podem, por meio de sua força e voz, mudarem a realidade antidemocrática, racista e machista do país, fator que quebraria com a zona de conforto histórica de uns e que proporcionaria, acima de tudo, direitos iguais. Nesse sentido, o percentual mais alto de feminicídios entre esse grupo prova o ódio e a perseguição sofrida por essas lutadoras, além de escancarar a condição inescrupulosa dos homens e do Estado, participantes ativos nesses crimes.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

A violência ao corpo feminino negro e a vigilância constante da morte são impostas pela polícia torturadora nas favelas, pelos homens abusadores, pela milícia paraestatal, pelo Estado antidemocrático, pela mídia e por outras tantas ferramentas. Elas aparecem também no poema *Certidão de óbito* (EVARISTO, 2017, p. 17), em que o próprio título referencia o número abissal de vidas roubadas. O Brasil construiu-se sob sangue negro e, atualmente, com os avanços das pautas feministas e com a ascensão social dos negros por meio da lei de cotas e de outras oportunidades, o Estado parece desejar ainda mais o apagamento feminino negro, já que esses corpos representam a certeza da continuidade da cultura africana no território nacional. No poema, Evaristo (2017) denuncia o país ao lembrar que

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.
(EVARISTO, 2017, p. 17)

Poemas da recordação e outros movimentos (2017) é construído por memórias que tanto enaltecem e incitam a força das mulheres negras, quanto declaram as dores vividas por elas na luta pela liberdade. Nesse viés, outro poema que afirma essa resistência no Brasil é o coincidentemente chamado *A noite não adormece nos olhos das mulheres* (p. 26 e 27), dedicado a uma mulher negra brutalmente assassinada: Maria Beatriz Nascimento⁶. Esta, estudante de mestrado na UFRJ, aconselhou uma amiga a abandonar o companheiro abusador; ele, na figura de soberano – consoante o conceito de Mbembe (2018) –, faz de si um ditador do destino (e, portanto, selecionador de vítimas), ao assassiná-la por seu ato de sororidade. No poema, Evaristo (2017), respondendo a esse feminicídio negro, confirma que, diferentemente do que os assassinos desejam,

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
do nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede

⁶ WIKIPEDIA. 31 out. 2019. *Maria Beatriz Nascimento*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Beatriz_Nascimento> Acesso em 13 mar. 2020.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

da nossa milenar resistência.
(EVARISTO, 2017, p. 27)

É fato que Marias, Marielles, Cláudias e Beatrizas são cada vez mais atacadas, conforme os dados indicam. É perceptível também que, por mais que a necropolítica trabalhe para que elas sejam, além de assassinadas, apagadas, a força do feminismo negro cresce nesse processo antidemocrático vivido especialmente no Brasil atual. Logo, mandantes e executores esforçam-se na tentativa de exercer soberania acerca dessas vidas, silenciando o poder que elas representam na luta por direitos humanos e por dignidade (mais do que só sobrevivência); todavia, perdem-se na curva da resistência adquirida por essas mulheres ao longo de uma história de privações. Nesse ínterim, a cultura negra não deixa de existir, mesmo que tentem destruí-la. Porém, é impossível que o Estado siga sendo conivente e participante ativo desse horror genocida que tem como alvo político e ideológico as mulheres negras – mantenedoras e semeadoras de signos, costumes e sabedorias fundamentais para a continuidade da voz e da experiência afro diaspórica.

Evaristo sabe desse poder, que é, também, pertencente a ela, uma mulher representativa e porta-voz de uma legião de outras. Sabe, mais ainda, que essa força descendente não foi desejada por essas mulheres, mas sim imperiosa. Uma vez que o capitalismo se tornou o sucessor da organização escravocrata, os sujeitos alvos do sistema sucederam-se iguais, apenas a forma de exclusão foi modificada. Dessa maneira, o discurso falso de igualdade racial, pregado no Brasil principalmente por quem defende o fim das ações afirmativas e de outras conquistas do movimento negro, é refutado pela violência do racismo. Além de suas vidas estarem na mira da necropolítica, o capitalismo também as massacra pela lógica do lucro, baseada na raiz racista e sexista herdada do colonialismo. Por esse motivo, talvez, Evaristo narra diversas mulheres semelhantes entre elas: trabalhadoras incansáveis na tentativa de sobreviver para possibilitar, aos mais novos, libertação das amarras. Nesse contexto, narrar feminicídios negros gera uma exigência de culpabilização coletiva, já que há, no Brasil, um povo racista e um Estado genocida, que “deglutem” dados anuais de violência e de desigualdade com facilidade, fazendo da morte de mulheres negras notas de rodapé em jornais ou “teias” não desfeitas pela justiça e pela polícia brasileiras - onde os mecanismos paraestatais da necropolítica se infiltram.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

Por fim, é válido mencionar que o papel fundamental da escrevivência no país – em formato de teatro ou de outras artes, como dito anteriormente –, já que a criação artística faz dessas mulheres assassinadas não objetos da narração, mas sim sujeitos. Essa diferenciação entre o lugar de posição ocupado é feita por Grada Kilomba, escritora e psicóloga portuguesa que discorre, principalmente, sobre o trauma colonial e seus efeitos. No livro *Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano* (2019), Grada Kilomba cita bell hooks, ao afirmar que, escrevendo, torna-se a narradora de sua própria história, “oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou” (p. 28). Portanto, fazer-se sujeito através da arte, no contexto racista, é revolucionar as estruturas impostas. Ao citar a máscara de *Anastácia*, forçosamente imposta pelos senhores brancos na boca dos escravizados para impedir que comessem cana-de-açúcar ou cacau nas plantações, Kilomba (2019) sentencia que a boca

é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem - e precisam - controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado. (KILOMBA, 2019, p. 33 e 34)

Nesse sentido, a voz de Evaristo, assim como a de Marielle Franco, incomoda o sistema racista e a necropolítica brasileira. Os sujeitos que negam os direitos políticos das mulheres negras na sociedade buscam a perpetuação dos privilégios brancos e a legitimação da exclusão racial, ainda que precisem matar para calar as bocas que gritam por direitos para o povo negro. Para Kilomba (2019), esses discursos brancos sobre a necessidade de controlar a luta dos movimentos negros por direitos iguais diz respeito à necessidade branca de construir um inimigo, um tirano oposto a si. Para ela, “o *sujeito negro* torna-se então aquilo a que o *sujeito branco* não quer ser relacionado. Enquanto o *sujeito negro* se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se vítima compassiva” (KILOMBA, 2019, p. 34). Ou seja, nessa lógica, mulheres negras são colocadas no lugar de ameaça, e seus assassinos ocupam a posição de “cidadão de bem” e/ou de membros estatais. Tais construções afetam a psique dos sujeitos racializados, projetados no mundo pela necropolítica como perigosos e, conseqüentemente, alvos.

Há, pois, extrema urgência em questionar a branquitude brasileira. Os números demonstram o quanto o país está na crista de uma onda violenta, que desaba sobre os corpos femininos, principalmente negros. Nesse viés antidemocrático, retirar a máscara colonial e



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

ousar contra o silêncio mandatário é ocupar um espaço de linha de frente na mira dos aparelhos estatais e paraestatais, majoritariamente compostos por faces masculinas, brancas e ricas. Logo, vivemos sob a política da repressão máxima a qualquer movimento que ouse desestabilizar “a ordem branca” soberana. Mbembe (2018) percebeu essa violência, principalmente, no embate entre Palestina e Israel, no qual palestinos são classificados em massa como terroristas por sua existência representar discrepância no território desejado e dominado pelos israelenses (e, é claro, pelas forças que os apoiam). No Brasil, entretanto, essa lógica é herdada do passado colonial, que se faz presente no racismo cotidiano e na desigualdade vivenciada pelos negros, criando dois grupos antagônicos sob a visão dos poderosos que gerem o Estado. No caso das mulheres, sobretudo, esse ódio ao outro é mais forte, uma vez que se soma ao gênero e, na maior parte das vezes, à classe.

Maria, Marielle Franco, Cláudia Silva Ferreira e tantas outras mulheres não são casos isolados num âmbito confortável. É claro que falar sobre suas mortes evoca dor e raiva pela impunidade e pela crueldade constatadas nesses crimes fictícios e reais. Porém, para Kilomba (2019), falar sobre raça e gênero ao mesmo tempo é fundamental, já que tanto os debates sobre racismo quanto os debates sobre feminismo acabam tornando as mulheres negras, de certa forma, marginalizadas. Ser negra e mulher é, segundo ela, uma experiência de efeito específico, que não pode ser entendida, falando apenas sobre raça ou apenas sobre gênero. Portanto, a voz e a autoria de mulheres negras é ainda mais perigosa para a branquitude do que a de qualquer outro discurso por direitos, já que traz à tona críticas não só a mulheres brancas e ao feminismo ocidental (que pouco ouviu as mulheres negras), mas também aos soberanos que mantêm o machismo e seus privilégios como base do processo social.

A violência racista e a opressão de gênero, fundidas na experiência feminina negra, precisam, pois, ser amplamente teorizadas e expostas – como propõem Segato (2014) e Kilomba (2018) – para que ganhem força nos debates políticos sobre os rumos dos direitos humanos frente à antidemocracia e à falsa igualdade racial. Há uma pandemia gravíssima no Brasil, e esta não é fruto de nenhum vírus: a quantidade exorbitante de feminicídios negros diz respeito a uma sociedade pautada pela efabulação do “outro”, do inimigo racializado, e essa ação violenta tem relação direta com a vontade de fechar as bocas negras que não só exigem direitos no país, como também produzem ciência, arte e política com maestria e são



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

ainda a materialização corpórea da possibilidade de transmissão de cultura e de memórias que os brancos querem apagar historicamente. Por isso, os feminicídios negros são visivelmente autorizados pela necropolítica brasileira. Conclui-se, assim, que não se deve permitir que mais nenhuma Marielle Franco, Cláudia Silva Ferreira nem outras Marias sejam assassinadas por punhos paraestatais racistas e misóginos, e isso envolve denunciar e divulgar amplamente – na mídia, na arte e no cotidiano – os horrores a que essas mulheres foram acometidas, até culpabilizarem seus assassinos, o Estado e todos os “cidadãos de bem” coniventes e mandantes dessas mortes. Como é possível afirmar a partir leitura dos poemas combativos enunciados por Evaristo (2017), não pode haver tranquilidade para ninguém enquanto não houver paz para essas mulheres no presente e liberdade para as que virão no futuro.

Referências

- ALVES, José H. 17 de set. 2019. *A Mulher Arrastada*. Disponível em: <<https://www.criticaedialogojh.com/post-unico/2019/09/17/A-Mulher-Arrastada>>. Acesso em 8 mar. 2020.
- BERNDT, Charles. In: JUDAR, Cristina; RABELO, Alexandre. *A resistência dos vagalumes*. São Paulo: Kria-Ra!, 2019, p. 77 a 79.
- BRITO, Carina. 18 mai. 2019. *Campanha resgata imagem de Machado de Assis como negro*. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/campanha-resgata-imagem-de-machado-de-assis-como-negro.html>> Acesso em 8 mar. 2020.
- BRUM, Eliane. 14 mar. 2020. *Quem mandou matar Marielle? E por quê?* Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039_897963.html>. Acesso em 8 de mar. 2020.
- CORREIO DO POVO. 14 jun. 2019. *“A mulher arrasada” volta a cartaz para debater racismo*. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/artefenda/a-mulher-arrasada-volta-a-cartaz-para-debater-racismo-1.345374>> Acesso em 8 mar. 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos D’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- GLOBOPLAY. 13 mar. 2020. *Marielle, o documentário*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/marielle-o-documentario/t/zGmSyVg7h2/detalhes/>. Acesso: 13 mar. 2020.
- GOMES, Heloisa T. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos D’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

IDOETA, Paula A. 5 jun. 2019. *Atlas da Violência: Brasil tem 13 homicídios de mulheres por dia, e maioria das vítimas é negra*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48521901>>. Acesso: 10 mar. 2020.

LITERAFRO. 18 fev. 2020. *Conceição Evaristo*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em 10, março, 2020.

LORDE, Audre. 1991, *National Women's Studies Association Conference*. Trad. Marielle Franco. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8382555/>>. Acesso em 13 mar. 2020.

MARREIRO, Flávia. 15 mar. 2018. *Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html>. Acesso em 8 mar. 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOBRE, Carlos. 28 set. 2011. *As duas cores de Machado de Assis*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/duas-cores-de-machado-de-assis/>>. Acesso em 5 mar. 2020.

SEGATO, Laura Rita. *Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres*. Puebla: Pez en el Árbol, 2014.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SOARES, Iarema. 19 ago. 2018. *Cláudia Silva Ferreira; era moradora, era trabalhadora*. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2018/08/claudia-silva-ferreira-era-moradora-era-trabalhadora/>>. Acesso em 13 mar. 2020.

WIKIPEDIA. 31 out. 2019. *Maria Beatriz Nascimento*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Beatriz_Nascimento> Acesso em 13 mar. 2020.